

VENUTI ENTRE VISIBILIDADE E ESCÂNDALOS: AFILIAÇÃO, CONTRIBUIÇÕES E CRÍTICAS¹

VENUTI BETWEEN VISIBILITY AND SCANDALS: AFFILIATION, CONTRIBUTIONS AND CRITICISM

Priscila de Oliveira NOVAIS-LIMA*
Wiebke Röben de Alencar XAVIER**

Resumo: No âmbito dos Estudos da Tradução, um nome de projeção internacional é o de Lawrence Venuti, autor que ganhou notoriedade após a publicação de *The translator's invisibility: a history of Translation* (1995). Desde a publicação da referida obra, Venuti jogou luz na problemática da invisibilidade do tradutor, que pode ser entendida como um apagamento do tradutor e das marcas da tradução nos textos, com vistas a fazer com que o leitor tenha a falsa impressão de que está lendo “o original” e não “um original”. No campo da Literatura, os postulados de Venuti são frequentemente referenciados em projetos de tradução comentada, em análises de textos em relação tradutória ou em discussões sobre a questão da autoria de textos traduzidos. Neste artigo, adotamos uma perspectiva cronológica para discutirmos a construção da teoria de Venuti nos Estudos da Tradução. Para isso, abordamos, primeiramente, suas afiliações teóricas e a relação de seus postulados com os do filósofo Friedrich Schleiermacher (2010 [1813]); em seguida, discorremos sobre duas de suas principais obras e suas contribuições para os Estudos da Tradução; e, por fim, discutimos a fortuna crítica do autor dentro do campo disciplinar ao apresentarmos as críticas feitas a ele por parte dos autores de algumas das principais coletâneas dos Estudos da Tradução.

Palavras-chave: estudos da tradução; Lawrence Venuti; invisibilidade do tradutor; escândalos da tradução; Friedrich Schleiermacher.

Abstract: In Translation Studies, a name with international projection is that of Lawrence Venuti, an author who gained notoriety after the publication of *The translator's invisibility: a history of Translation* (1995). Since the publication of this work, Venuti has shed light on the problem of the translator's invisibility, which can be understood as an erasure not only of the translator's activity but also of the marks of the translation process in texts in order to make the reader to have a false impression of reading “the original” and not “an original”. In the field of Literature, Venuti's postulates are frequently referenced in commented translation projects, in the analysis of translated texts, or discussions about the authorship of translated texts. In this article, we adopt a chronological perspective to discuss the construction of Venuti's theory in Translation Studies. With this purpose, we first approach Venuti's theoretical affiliations and the relationship of his postulates with those of the philosopher Friedrich Schleiermacher (2010 [1813]); then, we discuss two of his main works and their contributions to Translation Studies; and, finally, we discuss the author's critical fortune within the discipline by presenting the criticisms made to Venuti by the authors of some of the central handbooks of Translation Studies.

¹ Este artigo é um recorte da tese de Doutorado intitulada *Venuti no Brasil: um estudo bibliométrico em teses e dissertações*, defendida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2022, por Priscila de Oliveira NOVAIS LIMA, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Wiebke Röben de Alencar XAVIER.

* Doutora em Letras, área de concentração Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Rede Estadual da Paraíba. E-mail: novaislimap@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6268-4805>

** Doutora em Literatura pela Universität Osnabrück/Alemanha. Professora Associada II da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da UFRN e Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB. E-mail: wiebke.xavier@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3291-5451>

Keywords: translation studies; Lawrence Venuti; translator's invisibility; scandals of translation; Friedrich Schleiermacher.

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir as bases teóricas do pensamento de Lawrence Venuti enquanto teórico, destacando suas principais contribuições para os Estudos da Tradução e a fortuna crítica do autor dentro do campo disciplinar.

Lawrence Venuti é um teórico e tradutor estadunidense nascido em 1953. Iniciou seus estudos na Universidade de Temple (Filadélfia, EUA) e, em 1980, recebeu o título de Ph.D. em Língua Inglesa pela Universidade de Columbia (Nova Iorque, EUA). Atua principalmente nas áreas de teoria, história e prática de tradução anglófona e estrangeira, além de atuar como tradutor de italiano, francês e catalão. Já recebeu diversos prêmios por seu trabalho como tradutor: em 1980, recebeu o prêmio do *PEN American Center*; em 1983 e 1990, recebeu o *National Endowment for the Arts*; em 2007, recebeu o prêmio da *Guggenheim Foundation*; e, em 2008, recebeu o *Prêmio de Tradução Robert Fagles* por sua tradução inglesa do poeta catalão Ernest Farrés¹.

Venuti ganhou notável visibilidade dentro dos Estudos da Tradução (doravante ET) após a publicação de seu livro *The translator's invisibility: a history of Translation*, em 1995. Desde a publicação da referida obra, Venuti jogou luz na problemática da invisibilidade do tradutor, que pode ser entendida como um apagamento do tradutor e das marcas da tradução nos textos, com vistas a fazer com que o leitor tenha a falsa impressão de que está lendo “o original” e não “um original”.

Ao refletir sobre o apagamento do tradutor, Venuti dialoga, direta ou indiretamente, com as dicotomias presentes nas discussões históricas sobre os métodos possíveis de se traduzir, como tradução literal x livre, palavra por palavra x sentido por sentido, entre outras. O autor cunha os conceitos de domesticação, que busca um nível de fluência em que são apagadas as marcas do texto estrangeiro e, conseqüentemente, do tradutor, e o de estrangeirização, que implica a rejeição da fluência em prol de uma estratégia que impede o efeito de transparência no texto traduzido e torna visível o trabalho do tradutor. Marcado por uma escrita engajada, observamos no autor um forte aspecto político na defesa da produção de obras

¹Cf. apresentação de Lawrence Venuti no sítio da Universidade de Temple: <<https://liberalarts.temple.edu/academics/faculty/venuti-lawrence>> Acesso em: 10 mar. 22.

estrangeirizadoras que possibilitem a visibilidade do tradutor e da cultura estrangeira, que, na tradição de tradução anglo-americana, tende a ser minorizada.

Lawrence Venuti: um leitor de Schleiermacher

A trajetória acadêmica de Venuti é marcada por reflexões acerca da relação dos conceitos que o consagraram como teórico dos ET com aqueles do filósofo Friedrich Schleiermacher. Na palestra proferida no séc. XIX e intitulada “*Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*” [Sobre os diferentes métodos de tradução] (2010 [1813]), Schleiermacher (2010, p. 57) defende a existência de dois métodos possíveis para se empreender uma tradução: um que consiste em levar o autor ao leitor (que pode ser associado à domesticação); e o outro que consiste em conduzir o leitor em direção ao autor (que pode ser associado à estrangeirização).

Schleiermacher foi um filósofo e teólogo alemão que, em parceria com Friedrich Schlegel, traduziu obras de Platão, e foi com base nessas experiências como tradutor que ele desenvolveu seu tratado sobre tradução no ano de 1813. Ancorado especialmente nos postulados da Hermenêutica, em sua palestra, Schleiermacher estabeleceu uma distinção entre uma tradução que denomina de “genuína”, a qual ele entende como arte, e outra que seria uma “simples interpretação”, a qual está associada a uma atividade mais mecânica de transposição de ideias.

O autor também discute diversos tópicos recorrentes na história dos ET, a exemplo da clássica oposição da tradução da palavra *versus* à tradução do sentido, metaforizada por ele com a representação de dois caminhos que o tradutor pode optar por percorrer ao efetuar uma tradução “genuína”: sendo um a paráfrase, e o outro a imitação. Ele “situa a paráfrase no domínio das ciências; a imitação mais no das belas artes” (SNELL-HORNBY, 2012, p. 189).

A recepção de Schleiermacher fora da Alemanha se deu tardiamente. Na década de 1970, André Lefevere traduziu para o inglês o referido texto, na coletânea *Translating Literature: the German Tradition from Luther to Rosenzweig* (1977). Foi através dessa tradução que Lawrence Venuti teve contato com as ideias do alemão para, então, no ano de 1995, compartilhar a formulação de seus postulados com a publicação do livro *The translator's invisibility: a history of translation*. Além de Venuti, outras menções ao trabalho de Schleiermacher começaram a circular amplamente a partir da segunda metade do século XX, a exemplo dos escritos de Berman em *L'épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique* (1984) e de Steiner em *After Babel: Aspects of language and translation* (1975) (BERNARDO, 2016).

Ao discorrer sobre os conceitos de estrangeirização e domesticação na publicação de 1995, Venuti presume a adesão de Schleiermacher ao primeiro. Contudo, em seu trabalho de 1813, sobre os dois métodos de tradução, o filósofo faz a seguinte reflexão:

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente. (SCHLEIERMACHER, 2010 [1813], p. 57).

O que podemos perceber na discussão proposta por Schleiermacher é que esses dois métodos, apesar de opostos, possuem uma tensão menor do que na discussão proposta por Venuti. Apesar de, nas palavras do alemão, ser necessária a opção por um método ou por outro – e ele, ao longo do trabalho, exprimir sua preferência pelo método da paráfrase –, ambos são alternativas com o mesmo peso.

Para Schleiermacher, esses dois métodos – que estão ligados à tradução “genuína”, esta oposta à tradução enquanto “simples interpretação” – são reflexo do seu entendimento de que há no ato da tradução um elemento artístico intrínseco, o que faz do tradutor um artista. Assim, ao seguir pelo caminho da imitação, haveria um movimento de transformação criativa, voltado para a aproximação. Por outro lado, no caminho da paráfrase, a cultura de chegada estaria aberta a acolher a cultura de partida. Contudo, em ambos os métodos, não haveria danos infligidos às culturas de partida ou de chegada.

No entanto, faz-se necessário considerar o contexto social, histórico e cultural em que Schleiermacher estava inserido: a Alemanha havia sido invadida pelas tropas de Napoleão Bonaparte, a língua francesa permeava a aristocracia alemã e era, inclusive, o idioma do rei, que, para o autor, “se houvesse desfrutado de uma educação rigorosamente científica, ele teria preferido filosofar e poetar em latim antes que em francês” (SCHLEIERMACHER, 2010, p. 83). A argumentação de Schleiermacher a favor de um método que levasse o leitor até o autor era, notadamente, uma resistência ao modo francês de se operar a tradução à época: a tradição das *Belles Infidèles*.

Apesar disso, a leitura que Venuti faz de Schleiermacher parece não considerar esse ressentimento que o alemão guarda em relação à dominação francesa. Tampouco considera o fato de que Schleiermacher advoga em favor de uma tradução resistente à dominação

napoleônica como forma de proteção da cultura alemã. Em trechos como o seguinte, percebemos a leitura que Venuti fez da palestra de Schleiermacher:

Se, como Schleiermacher acreditava, um método de tradução estrangeirizante pode ser útil na construção de uma cultura nacional, forjando uma identidade cultural de base estrangeira para uma comunidade linguística prestes a alcançar a autonomia política, ele pode, também, minar qualquer conceito de nação ao desafiar cânones culturais, fronteiras disciplinares e valores nacionais na língua-alvo. (VENUTI, 1995, p.100. Tradução nossa)².

Ante o exposto, Venuti avalia a postura estrangeirizante de Schleiermacher como tendo vantagens e desvantagens: se, por um lado, ela ajuda a construir a identidade nacional, ela pode, por outro, desafiar os cânones e valores nacionais. Contudo, a postura a favor do estrangeiro de Schleiermacher não se voltava apenas para o fortalecimento de uma identidade cultural alemã, mas, principalmente, tinha o objetivo de negar a dominação que a França exercia sobre os modelos culturais na Alemanha.

A partir da recepção do trabalho de Schleiermacher por parte de Venuti, a tradução-imitação passou a ser domesticação, definida por ele como uma “redução etnocêntrica”; e a tradução-paráfrase passou a ser estrangeirização, definida como uma “pressão etnodesviante”. Acerca desses movimentos de apropriação da obra de Schleiermacher, Snell-Hornby tece a seguinte crítica:

Desse modo, Venuti formulou a dicotomia em termos de “domesticação” vs. “estrangeirização”, da forma como compreendeu a abordagem de Schleiermacher através da versão inglesa de Lefevere. Não é possível identificar os conceitos “redução etnocêntrica” e “pressão etnodesviante”, nem mesmo por extensão de sentido, no texto de Schleiermacher. (SNELL-HORNBY, 2012, p. 192).

Snell-Hornby aponta para uma mudança na interpretação do pensamento de Schleiermacher por parte de Venuti, que pode já ter sido trazida pelo tradutor da obra para o inglês, André Lefevere. Nos ET, Lefevere desenvolveu seu trabalho principalmente na área dos Estudos Descritivos da Tradução; para ele, a tradução pode ser entendida como reescrita e, por isso, está ligada a um processo de manipulação vinculado à ideologia.

A autora (2012, p. 198) oferece, entre outros exemplos, o caso do trecho em que Schleiermacher fala em levar o autor até o leitor. Em alemão, a palavra escolhida para esse

² Tradução nossa de: “If, as Schleiermacher believed, a foreignizing translation method can be useful in building a national culture, forging a foreign-based cultural identity for a linguistic community about to achieve political autonomy, it can also undermine any concept of nation by challenging cultural canons, disciplinary boundaries, and national values in the target language.”

movimento foi *bewegen* (mover), ao passo que, na tradução de Lefevere, a palavra escolhida foi “*drag*” (arrastar). Com isso, esse movimento entre o autor e o leitor, em alemão, parece se dar de forma neutra, enquanto em inglês se mostra atrelada a certo nível de violência.

Ao longo do artigo de Snell-Hornby, percebe-se um esforço em busca de reparar possíveis leituras equivocadas do pensamento de Friedrich Schleiermacher. Críticas nesse sentido há tempos permeiam a carreira de Venuti enquanto teórico dos ET, impactando, inclusive, a recepção de sua obra no contexto acadêmico brasileiro, como podemos observar na discussão lançada pelos tradutores do artigo de Snell-Hornby para o português na seção “Introdução dos Tradutores”:

Optamos pela tradução do presente artigo de Snell-Hornby como forma de contribuir com a recepção de Schleiermacher no Brasil, o qual tem sido citado em vários trabalhos teóricos escritos no âmbito dos Estudos da Tradução de maneira descontextualizada e parcialmente distorcida. Além disso, seu célebre ensaio de 1813 tem sido frequentemente reduzido à máxima dicotômica de aproximar o leitor do autor ou vice-versa, que, por sua vez, é equiparada com os dois procedimentos de tradução propostos por Venuti (tradução estrangeirizadora ou domesticadora), amplamente divulgados no Brasil. (REICHMANN; MOREIRA, 2012, p. 186).

Diante da relação que se estabelece entre Schleiermacher e Venuti – e das críticas decorrentes dela –, faz-se necessário detalhar duas das principais obras que consagraram Venuti como teórico nos ET.

A Invisibilidade do Tradutor e Os Escândalos da Tradução

Venuti alcançou reconhecimento no âmbito dos ET com a repercussão da sua obra *The translator's invisibility: a history of translation*, publicada inicialmente no ano de 1995 pela editora Routledge. Na introdução da edição revisada e publicada no ano de 2017, intitulada “Conditions of possibility” (2017, p. 1-18), Venuti nos relata que o livro teve origem em um artigo homônimo publicado em 1986, que buscava desmitificar as práticas tradutórias.

Ele define seu trabalho como um produto determinado não apenas pelo contexto histórico da década de 1980, especialmente pelo *boom* dos Estudos Culturais, mas também por pensadores como Louis Althusser, Jacques Lacan, Roland Barthes, Jacques Derrida, Michel Foucault e Julia Kristeva, Gilles Deleuze e Felix Guattari. Venuti ainda cita como aportes teóricos que contribuíram para a formação do seu pensamento nos anos 1980 a Linguística Sistemico-Funcional, a Análise do Discurso, a Pragmática, a Teoria dos Polissistemas e o Formalismo Russo.

Partindo da premissa do teórico britânico Antony Easthope, para quem a ilusão da transparência linguística domina a tradição poética inglesa desde o início do período moderno, Venuti começa a desenhar o que seria uma de suas principais contribuições para os ET, o princípio da invisibilidade do tradutor:

Eu percebi que isso [a premissa de Easthope] podia ser usado para descrever os efeitos ilusórios da tradução fluente, em que o dialeto padrão atual da linguagem traduzida junto com uma sintaxe linear e sentido unívoco criam uma leiturabilidade fácil que mascara o trabalho do tradutor, levando o leitor a acreditar que a tradução é, na verdade, o texto fonte. (VENUTI, 2017, p. 2. Tradução nossa)³

Ao longo da referida obra de Venuti, há uma exposição do problema da invisibilidade, o qual é atribuído tanto ao tradutor – quando este manipula deliberadamente o texto fonte em nome da fluência do texto alvo em língua inglesa – quanto aos leitores e críticos de tradução – que esperam uma tradução que possua a forma e a expressão de um texto originalmente escrito em inglês, apresentando, assim, uma situação de dominação hegemônica e submissão do tradutor.

De acordo com Venuti, os tradutores devem se opor a essa situação de invisibilidade, não apenas porque ela constitui uma mistificação de todo o projeto da tradução, mas também porque ela parece estar relacionada ao baixo *status* que ainda é conferido ao fazer tradutório, condição esta que estaria atrelada a uma concepção de autoria essencialmente romântica.

A invisibilidade do tradutor tem como objetivo passar a impressão de que a tradução *não* é uma tradução. Visa a dar uma ilusão de naturalidade e a apagar todas as particularidades que pertencem a outro modo de significar; apagar as distâncias de tempo, de língua, de cultura.

Nesse sentido, vemos que a invisibilidade está ligada principalmente a dois fatores: (i) um efeito de transparência no discurso, causado pela manipulação da língua por parte do tradutor, o que gera nos leitores a impressão de que a tradução de um texto é, de fato, o texto fonte; e (ii) o modo como as traduções são produzidas e avaliadas na sociedade faz com que uma tradução seja considerada boa quando sua leitura é fluente, ou seja, possuindo sintaxe linear, sentido unívoco e linguagem atual (MARTINS, 2010, p. 7).

A estratégia de fluência criticada por Venuti predomina no sistema cultural anglo-americano e busca apagar a intervenção do tradutor no texto traduzido, anulando as diferenças

³ No original: “I saw that it could be used to describe the illusionistic effects of fluent translation, where the current standard dialect of the translating language along with linear syntax and univocal meaning creates an easy readability that masks the translator’s work, leading the reader to believe that the translation is actually the source text.”

linguísticas e culturais do texto estrangeiro. Nessa perspectiva, os textos são reescritos no discurso transparente que predomina na cultura receptora e são revestidos de valores, crenças e representações sociais dessa cultura. No processo de reescrita, a busca pela fluência culmina na produção de um texto domesticado, sem marcas da atuação do tradutor e, conseqüentemente, familiar ao leitor da cultura de chegada.

Para contrapor-se à estratégia da fluência, Venuti (1995) propõe o recurso da estrangeirização, o qual implica em rejeitar a fluência que domina a tradução contemporânea. Ao advogar em favor de uma estratégia de resistência (não fluência), ele busca impedir o efeito de transparência no texto traduzido e tornar visível o trabalho do tradutor, ajudando a preservar a diferença do texto estrangeiro ao produzir traduções estranhas à cultura de chegada.

Para Venuti, a visibilidade do tradutor rompe com a ideia de que o autor detém o monopólio das interpretações possíveis de serem feitas a partir de seu texto, uma vez que cada leitor/tradutor constrói sentidos distintos para aquilo que lê/traduz a partir de suas visões de mundo e de suas relações com outros textos. Ou seja, o que se pode é fazer uma interpretação, dentre tantas possíveis.

Nesse sentido, o processo tradutório contraria a ideia de uma substituição ou transferência linear de significados estáveis de um texto de uma língua para outra. Assim, a tradução pode ser entendida como a produção ativa de um texto semelhante ao original, perpassado pela intervenção ativa do tradutor (VENUTI, 1995, p. 112).

Venuti afirma que quanto mais uma tradução é considerada bem-sucedida no contexto anglo-americano, maior a invisibilidade do tradutor e maior visibilidade do autor. Tal atitude resulta no apagamento do trabalho do tradutor, pois a sensação de percepção dele no texto é indesejável. O que Venuti propõe é que os tradutores se oponham a essa ideia de invisibilidade atrelada ao não reconhecimento do trabalho do tradutor a partir da luta pela visibilidade social da atividade tradutória. Para tanto, ele propõe que os tradutores passem a operar uma escrita de resistência, em lugar da escrita de assimilação, que põe em funcionamento a estratégia da fluência.

Outro aspecto central no trabalho de 1995 é a discussão sobre a dicotomia domesticação *versus* estrangeirização. Venuti toma como base os pressupostos de Schleiermacher (2010 [1813]), quando argumenta que há dois métodos possíveis para se empreender uma tradução: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele – que pode ser associado ao método da estrangeirização –, ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele – que pode ser associado à domesticação. Como uma forma de resistência à violência etnocêntrica, Venuti se posiciona em favor da estrangeirização:

Quero sugerir que, na medida em que a tradução estrangeirizadora procura reduzir a violência etnocêntrica da tradução, ela é altamente desejada hoje enquanto intervenção cultural estratégica no estado atual das questões mundiais, direcionada contra a hegemonia das nações falantes de inglês e contra as trocas culturais desiguais que envolvem seus outros globais. Estrangeirizar a tradução em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, segundo os interesses das relações democráticas geopolíticas. (VENUTI, 2017, p. 16. Tradução nossa)⁴.

Márcia Martins (2010), apesar de reconhecer a importância da obra do norte-americano, chama a atenção para o fato de que o horizonte a partir do qual Venuti convoca os tradutores à resistência é aquele de língua e cultura hegemônicas. Nesse sentido, a autora critica o aspecto político enfatizado por Venuti em sua obra de 1995, alegando que este não pode ser imponderadamente incorporado em nações não hegemônicas e consumidoras de traduções:

Há que se observar que a estratégia de estrangeirização tem sido objeto de críticas, em relação tanto ao aspecto formal quanto ao ideológico. Com respeito ao primeiro, o método defendido por Venuti é muitas vezes interpretado como a defesa de um texto truncado, pouco artístico, facilmente classificável como uma “má tradução” [...]. Em relação ao aspecto ideológico, as críticas formuladas têm como alvo a convocação feita aos tradutores para opor resistência à hegemonia do inglês. Do ponto de vista de nações e línguas não-hegemônicas, tradicionalmente consumidoras de traduções, uma excessiva abertura ao estrangeiro pode levar a uma descaracterização do que é nacional, peculiar à cultura receptora, e a uma decorrente perda de identidade. (MARTINS, 2010, p. 70-71).

Na introdução da edição de 2017 de *The translator's invisibility*, Venuti reconhece as críticas feitas à edição de 1995 no que diz respeito à ética ao se traduzir um texto, especialmente ao considerar diferenças culturais e linguísticas, e ao histórico de supressão dessas diferenças na cultura anglófona. O autor rebate tais críticas argumentando que o que ocorreu foi uma leitura simplista de sua obra, uma vez que o foco dos leitores recai sobre os conceitos de invisibilidade, de fluência *versus* resistência, de domesticação *versus* estrangeirização, e não na forma através da qual eles foram aplicados:

Muitas vezes, essa tendência coincide com a negligência dos estudos de caso nos capítulos restantes, onde os argumentos são construídos com análises textuais e evidências documentais que mostram como os conceitos mudam em situações culturais específicas em momentos históricos específicos. Consequentemente, *The Translator's Invisibility* foi submetido a leituras grosseiramente simplistas que, em

⁴ No original: “I want to suggest that insofar as foreignizing translation seeks to restrain the ethnocentric violence of translation, it is highly desirable today, a strategic cultural intervention in the current state of world affairs, pitched against the hegemonic English-language nations and the unequal cultural exchanges in which they engage their global other. Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.”

alguns casos, foram baseadas em tratamentos de segunda mão igualmente simplistas, mas que, no entanto, moldaram o impacto do livro. (VENUTI, 2017, p. 6. Tradução nossa)⁵.

Venuti (2017, p. 4-5) ainda argumenta que, ao longo dos anos, seu trabalho foi traduzido para diversas línguas em vários países, o que, por si só, já demonstraria a relevância da sua obra. Porém, ele não leva em conta que sua posição de autor anglófono, estadunidense e editor do selo St. Jerome da editora Routledge possa ter contribuído, ao menos em parte, para o destaque mundial de seu trabalho.

Ainda assim, com o apoio de Martins (2010, p. 66), *The translator's invisibility* foi “um divisor de águas no pensamento contemporâneo sobre a tradução e o tradutor”. Marcado por uma escrita de perspectiva engajada, Venuti busca denunciar a situação de invisibilidade do tradutor nas culturas norte-americana e inglesa, com vistas a tornar o tradutor mais visível para combater e mudar as condições relativas à prática de tradução.

Outro ponto discutido em *The translator's invisibility* é a noção de resíduo (*remainder*). Apoiando-se nas reflexões de Jean Jacques Lecercle, Venuti define resíduo como sendo “aquilo que excede o uso transparente da língua”. Ou seja, para ele, o resíduo se configura como um fenômeno cultural que se materializa na instância da língua, e não o contrário. Também baseando-se na fala de Lecercle, Arrojo (1993, p. 95) discute o resíduo como sendo

[...] tudo aquilo que não convém à organização e ao comportamento previsível da "língua", a tudo aquilo que a "língua", por não poder disciplinar, transformar em disciplina, nem encaixar em seus rígidos moldes, exila "nos elementos descartados das dicotomias, na fala [em oposição à língua], na diacronia [em oposição à sincronia] ou na significação [em oposição ao signo]". Limpa desses rejeitos, dessa contaminação, a "língua" se pretende ascética e antisséptica, pressupondo um sujeito transparente e programável, reduzido a papéis esvaziados de receptor e emissor de signos. (ARROJO, 1993, p. 95. Adições nossas).

Três anos após a publicação de *The translator's invisibility*, Venuti lança *The scandals of translation: towards an ethics of difference* (1998), em que retoma e aprofunda as reflexões desenvolvidas em seu livro anterior e, mais uma vez, retoma a defesa de uma prática tradutória estrangeirizadora. Nessa obra, o autor analisa o que chama de *escândalos da tradução*, enquanto examina as práticas que contribuem para o caráter marginal da atividade tradutória. Sobre isso,

⁵ No original: “This tendency often coincides with neglect of the case studies in the remaining chapters, where the arguments are constructed with textual analyses and archival evidence that show how the concepts change in specific cultural situations at specific historical moments. Consequently, *The Translator's Invisibility* has been subjected to grossly oversimplifying readings that have in some cases been based on equally simplistic second-hand treatments, but that have nonetheless shaped the impact of the book.”

Venuti afirma que a desvalorização do fazer tradutório está relacionada a tecnicidades institucionais, ao conceito dominante de autoria e aos direitos autorais:

A tradução é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas. Quero sugerir que a tradução é tratada de forma tão desvantajosa em parte porque propicia revelações que questionam a autoridade de valores culturais e instituições dominantes. (VENUTI, 2019, p. 9).

Ainda na obra publicada em 1998, o foco recai sobre questões e situações denominadas pelo autor como escândalos da tradução, classificados em três categorias distintas de acordo com sua natureza cultural, econômica e/ou política. Diz o autor que “a pressuposição inicial deste livro é talvez o maior escândalo da tradução: assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (VENUTI, 2019, p. 15).

A identificação de tais escândalos pressupõe um ato de julgamento ligado a uma ética que reconhece e procura remediar as assimetrias no ato tradutório. Sobre a ética da tradução, Venuti, mais uma vez, argumenta em favor da estrangeirização, que não impede a assimilação de um texto estrangeiro, mas objetiva ressaltar a existência autônoma deste no processo assimilativo da tradução.

Para Venuti (2019, p. 130), a maior fonte potencial de escândalo relacionado à tradução é a formação de identidades culturais, visto que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras”. Essas representações, por sua vez, espelham valores estéticos da cultura de recepção. Assim sendo, as reflexões propostas por Venuti nos auxiliam a entender o complexo processo de sujeição imposto ao tradutor, além de apontar a necessidade e os caminhos de transformação desta condição.

Sempre perpassado por um ponto de vista anglo-americano, Venuti baseia suas reflexões no trabalho de profissionais que atuam exclusivamente como tradutores – outra razão pela qual seu *Call to Action* não pode ser de todo aplicado à realidade dos tradutores literários brasileiros: muitos atuam também como docentes –, cujas produções textuais acabam ficando restritas à invisibilidade em função da adaptação do texto de partida à cultura de chegada.

Ainda na referida obra, o autor discute a importância creditada ao tradutor no processo tradutório, deixando de vê-lo como mero transportador de carga semântica e sem participação ativa na construção do sentido do texto, para colocá-lo no centro do processo de criação. Ademais, o autor enfatiza a influência de aspectos próprios ao contexto de produção, tais como pressupostos políticos e ideológicos que acabam por induzir o tradutor em seu projeto estético.

Venuti também retoma suas discussões sobre traduções estrangeirizadoras *versus* domesticadoras. Para ele:

As traduções, em outras palavras, inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação. Aquelas que funcionam melhor, as mais poderosas em recriar valores culturais e as mais responsáveis para responder por tal poder, geralmente engajam leitores graças às palavras domésticas que foram de certo modo desfamiliarizadas e se tornaram fascinantes devido a um embate revisório com o texto estrangeiro. (VENUTI, 2019, p. 18).

No entanto, Venuti argumenta que as traduções domesticadoras tendem a assimilar de modo violento textos estrangeiros aos valores dominantes da cultura de chegada, apagando os aspectos que indicam se tratar de um texto estrangeiro – aspectos esses que provavelmente motivaram a seleção do texto para tradução.

O autor ainda reforça o importante papel da língua na visibilidade do outro estrangeiro:

Contudo, como pode qualquer estrangeiridade ser registrada numa tradução senão por meio de outra língua – isto é, por meio do gosto de outro tempo e país? [...] Uma tradução sempre comunica uma interpretação, um texto estrangeiro que é parcial e alterado, suplementado com características peculiares à língua de chegada, não mais inescrutavelmente estrangeiro, mas tornado compreensível num estilo claramente doméstico. (VENUTI, 2019, p. 17-18).

Venuti justifica sua preferência por literaturas menores em seus projetos de tradução afirmando que prefere traduzir textos estrangeiros que apresentam um *status* de minoridade em suas culturas de origem, uma posição marginal em seus cânones nativos ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês americano (VENUTI, 2019, p. 26). No entanto, ele também faz questão de frisar que essa preferência provém parcialmente de uma agenda política de oposição à hegemonia global do inglês, uma vez que a ascendência econômica e política dos Estados Unidos reduziu as línguas e as culturas estrangeiras a minorias em relação à sua própria língua e à sua cultura.

Na referida obra, o autor apresenta o conceito de projeto de tradução minorizante, a partir do qual os tradutores devem fazer escolhas estratégicas relacionadas à seleção de textos estrangeiros para tradução, bem como ao desenvolvimento de ações para traduzi-los:

Os textos estrangeiros podem ser escolhidos para compensar padrões de troca cultural desigual e para restaurar literaturas excluídas pelo dialeto-padrão, pelos cânones literários, ou por estereótipos étnicos nos Estados Unidos (ou no outro principal país anglófono, o Reino Unido). Ao mesmo tempo, os discursos tradutórios podem ser desenvolvidos para explorar a multiplicidade e a policronia do inglês americano. (VENUTI, 2019, p. 27).

Em um projeto de tradução minorizante, o tradutor deveria manter uma postura ética ao reconhecer as assimetrias presentes em todo projeto de tradução, tendo sempre em mente o principal objetivo de um projeto minorizante: não erguer um novo padrão ou estabelecer um novo cânone, mas sim promover a inovação e a diferença cultural (VENUTI, 2019, p. 27).

Nesse sentido, Martins (2010, p. 69) observa que Venuti se distancia de Schleiermacher, na medida em que a estratégia de estranhamento preconizada pelo teórico alemão visava ao enriquecimento da língua e da literatura alemãs, ao passo que a prática estrangeirizadora e o projeto minorizante do norte-americano têm como objetivo abalar o domínio global do inglês. Martins (2010, p. 68) ainda esclarece que a estrangeirização, por sua vez, impõe uma pressão etnodesviante sobre os valores da cultura de chegada com o intuito de registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro. A adoção de um projeto minorizante leva à seleção de textos estrangeiros e de estratégias tradutórias normalmente excluídas pelos valores culturais dominantes na língua de tradução, combatendo-os. Por isso também é que Venuti refere-se à estrangeirização como uma estratégia de resistência, que visa a fugir à fluência.

Abordando novamente a dicotomia da estrangeirização *versus* domesticação, Venuti (2019, p. 28-30) salienta que a produção de um texto fluente não pode ser considerada democrática por gerar um efeito ilusório de transparência, e isso significa aderir ao dialeto-padrão corrente. Apesar de a tradução fluente ter o poder de engajar leitores em massa, mesmo em se tratando de um texto estrangeiro de uma literatura periférica, ao mesmo tempo ela reforça a língua doméstica.

De acordo com o autor, ao optar por um projeto minorizante, o tradutor deve ter em mente que o processo se inicia com a seleção do texto a ser traduzido, o qual pode ter uma forma ou versar sobre um tema que se desvie dos cânones literários da cultura de chegada. As próprias estruturas linguísticas devem ser utilizadas para manifestar aspectos estrangeiros. Além disso, Venuti sugere introduzir variações que alienem a língua doméstica para, assim, dar visibilidade à tradução e ao tradutor.

Venuti sob a ótica de autores dos Estudos da Tradução

Echeverri (2017, p. 12) chama de *handbook*, *reader*, *companion* ou *encyclopaedia* as coletâneas produzidas em determinado campo do conhecimento e que apresentam as seguintes características: (i) são ferramentas situadas e dependentes do contexto; (ii) funcionam como mapeamentos e outras formas de reescrita, apresentando o conteúdo de um campo disciplinar como entidades fixas; e (iii) têm como função traçar um panorama de determinado campo

disciplinar. Sendo assim, a partir das características apontadas por Echeverri, selecionamos algumas das principais coletâneas produzidas nos ET e utilizadas nos cursos de formação de tradutores para investigarmos a fortuna crítica de Venuti nesse campo disciplinar.

Edwin Gentzler, na obra intitulada *Contemporary translation theories* (2009 [2001]), afirma que diversas foram as contribuições de Venuti para os ET, especialmente no que diz respeito à crítica à fundamentação humanística de expressiva parte da tradução literária dos EUA, a qual reforça as crenças e ideologias domésticas prevalentes. Ao mesmo tempo, Venuti oferece um novo conjunto de termos e métodos para a análise dessas traduções, apresentando aos tradutores várias estratégias alternativas a serem testadas.

Para Gentzler (2009, p. 65), as características que Venuti sugere que o tradutor mantenha no texto traduzido são justamente aquelas que assinalam diferenças linguísticas e culturais, quais sejam: trocadilhos, neologismos, arcaísmos, dialetos, sátira, sintaxe fragmentada e formas experimentais. Traduzir, assim, desintegraria a ilusão de transparência do texto traduzido, tornando o trabalho do tradutor visível e encorajando, dessa maneira, o repensar de seu *status* secundário e derivativo.

Vista sob o ponto de vista político, para Gentzler (2009, p. 68), a contribuição de Venuti é notável, uma vez que ela “consegue realizar uma inversão dos termos do debate”, mostrando que as manipulações da tradução para torná-la mais fiel resultaram em vastas distorções: sintaxe estrangeira e estilos manipulados para parecerem naturais ao leitor anglófono.

Por outro lado, o autor argumenta que, teoricamente, ainda restam dúvidas quanto à abordagem de Venuti no que diz respeito ao seu fundamento: “a teoria de Venuti [...] ainda se fundamenta no mesmo debate entre ‘fiel’ e ‘livre’ que caracteriza a tradução há milhares de anos” (GENTZLER, 2009, p. 67).

Por sua vez, Hatim e Munday, em *Translation – an advanced resource book* (2004), ao discutirem sobre os polos “forma-conteúdo” e “literal-livre” que permeiam as críticas e descrições de traduções literárias, aludem a Venuti e aos conceitos de estrangeirização e domesticação:

Tornar o significado de um texto transparente e adequá-lo às expectativas do público do texto de chegada é o que o teórico americano Lawrence Venuti chama de tradução domesticadora ou **domesticação**. Essa é a estratégia que Venuti diz ser preferida por editores e leitores anglo-americanos, e envolve minimizar as características estrangeiras da língua e da cultura do texto de partida. Isso se opõe à estratégia de **estrangeirização** (1995: 20) proposta por Venuti. Mais perto da tradução literal, uma estratégia de estrangeirização tenta trazer à tona o estrangeiro no próprio texto de chegada, às vezes por meio de uma apropriação da sintaxe e do léxico do texto de

partida ou por meio de empréstimos lexicais que preservem os itens do texto de partida no texto de chegada. (HATIM MUNDAY, 2004, p. 229-230. Tradução nossa)⁶.

Contudo, apesar de afirmarem que as dicotomias de forma-conteúdo e literal-livre (e, por extensão, estrangeirização-domesticação) dominaram os debates teóricos sobre tradução por muito tempo, os autores abertamente se alinham com a perspectiva de Steiner ao argumentarem que esse debate é estéril e infrutífero na medida em que não encoraja um exame mais aprofundado das restrições contextuais internas e externas que afetam a estratégia e a função da tradução. Os autores finalizam a discussão defendendo que a dicotomia literal-livre não deve ser vista como polos opostos, e sim como um contínuo dentro das estratégias de que o tradutor pode lançar mão.

Mary Snell-Hornby, em *The turns of Translation Studies* (2006), levanta o questionamento desde o título, “um novo paradigma?”, ao relacionar o conceito de estrangeirização de Venuti com o desenvolvido por Schleiermacher na Era Romântica Alemã. A autora afirma que Lawrence Venuti retoma a dicotomia de Schleiermacher como uma questão central de seu trabalho e argumenta o seguinte:

Embora Schleiermacher certamente tenha deixado claro que ele preferia levar o leitor em direção ao autor, não há nada em sua palestra que indique que o método [apresentado por ele] envolvia avaliações como “pressão etnodesviante” *versus* “redução etnocêntrica” – linguagem reconhecidamente vinda de um intelectual de língua inglesa do século XX. (SNELL-HORNBY, 2006, p. 145. Tradução nossa)⁷.

Ao criticar a obra de 1995, Snell-Hornby retoma as palavras de Pym quando discute o ponto de vista maniqueísta pelo qual Venuti categoriza as traduções: a tradução estrangeirizadora é vista como fundamentalmente boa, enquanto a domesticadora é vista como fundamentalmente ruim e relacionada a palavras polarizadoras como “racismo”, “narcisismo” e “imperialismo”, sugerindo, inclusive, violência contra a cultura de partida.

⁶ No original: “Making a text’s meaning transparent and making it fit with the expectations of the TT audience is what the American theorist Lawrence Venuti calls domesticating translation or **domestication**. This is the strategy Venuti says is preferred by Anglo-American publishers, and readers, and involves downplaying the foreign characteristics of the language and culture of the ST. This is opposed to the strategy of **foreignization** that is proposed by Venuti. Closer to literal translation, a foreignizing strategy attempts to bring out the foreign in the TT itself, sometimes through calquing of ST syntax and lexis or through lexical borrowings that preserve SL items in the TT”.

⁷ No original: “However, while Schleiermacher certainly made it clear that he preferred moving the reader towards the author, there is nothing in his lecture to indicate that the one method involved evaluations such as “ethnodeviant pressure” versus “ethnocentric reduction” – recognizable as the language of an English-speaking intellectual of the outgoing 20th century.”

Por fim, a autora retoma o questionamento original – “um novo paradigma?” – e tece considerações no sentido de dizer que a teoria de Venuti não pode ser chamada de um novo paradigma. No entanto, apesar de os conceitos venutianos terem perdido a conexão com Schleiermacher e o Romantismo alemão, ela defende que Venuti traz à baila conceitos antigos. Ao desafiar o papel hegemônico do inglês, a posição dos tradutores e as condições de seu trabalho, Venuti está absolutamente justificado – mas a solução para todos esses problemas não reside apenas na “estrangeirização” das traduções.

Na obra intitulada *Exploring translation theories* (2010), Anthony Pym discute diversas dicotomias que permeiam os ET, iniciando com Cícero (106 – 43 a.C.) e o que este aponta como tradução “literal ou livre”, apesar de não o considerar um teórico, uma vez que ele não escreveu com intuito de instruir outros tradutores, mas apenas de relatar sua experiência.

Pym associa a Schleiermacher os termos “estrangeirização ou domesticação” e associa a Venuti a dicotomia “tradução fluente ou tradução resistente”, sendo a primeira o tipo de tradução que geralmente é feita para a língua inglesa, e a segunda, o tipo que funciona para quebrar a ilusão de que o texto traduzido é o original.

Ao pontuar que a dicotomia associada a Schleiermacher é “estrangeirização ou domesticação” e que a associada a Venuti é “fluente ou resistente”, Pym deixa clara a crítica a respeito da origem da referida dicotomia, como também aponta que aquilo pelo que Venuti tornou-se tão reconhecido não passa de mais uma dentre tantas oposições que têm surgido nos ET e que se configuram como escolhas possíveis para o tradutor.

A crítica feita por Pym encontra ecos naquela pontuada por Romão (2021, p. 115), quando este também coloca os conceitos de tradução estrangeirizadora e domesticadora no terreno das antigas dicotomias que continuam a conduzir as discussões nos ET: “Por vezes, a controvérsia até ganha novos nomes, mas ainda se produz em torno da (in)fidelidade na tradução: tradução literal x tradução pelo sentido, tradução estrangeirizante x tradução domesticadora, tradução x recriação etc.”.

Silvia Kadiu, na obra intitulada *Reflexive Translation Studies – translation as a critical reflection* (2019), levanta os seguintes questionamentos acerca da teoria de Venuti:

A tradução visível produz, necessariamente, uma tradução ética? O que acontece, por exemplo, se a própria indicação de uma tradução como tradução tiver intenções manipuladoras, como é o caso das pseudotraduções? A indicação do *status* de um

texto como tradução pode ser garantida? E, se sim, por quanto tempo a consciência do leitor pode ser sustentada? (KADIU, 2019, p. 22. Tradução nossa)⁸.

Para discutir esses questionamentos, a autora retoma algumas das críticas feitas ao trabalho de Venuti, como, por exemplo, a de que uma tradução estrangeirizadora pode gerar um texto excessivamente exótico, que pode resultar em um distanciamento desnecessário entre o leitor do texto traduzido e o narrador da língua ou da cultura de partida ou que, por permitir que o texto estrangeiro se torne visível na tradução, cause exatamente a invisibilidade que Venuti argumenta.

Por outro lado, a autora traz também a resposta de Venuti às críticas feitas ao seu trabalho e afirma que, de acordo com ele, “a estrangeirização só pode ser alcançada através do contraste e da diferenciação entre as palavras no texto em nível de natureza e registro” (2019, p. 32. Tradução nossa)⁹ e com diferenciações dentro da própria língua de chegada. Ou seja, para criar um efeito estrangeirizador, pontua a autora, é necessário que haja uma alternância entre estratégias estrangeirizadoras e estratégias de fluência.

As palavras da autora revelam uma crítica ao fato de Venuti advogar por algo que ele mesmo não define como aplicar. Ao mesmo tempo, mais adiante no texto, a autora menciona que o próprio Venuti condena interpretações do seu trabalho que tratem a distinção entre estrangeirização e domesticação como uma simples dicotomia ou oposição binária, sugerindo que esse tipo de leitura elimina a complexidade conceitual de seu trabalho. Por sua vez, a autora argumenta que a própria escolha dos termos e a maneira dualista como Venuti os apresentou em seu trabalho podem ter contribuído para as interpretações que ele aponta como simplistas.

Por fim, Kadiu (2019, p. 42) considera como “ambígua” a recepção de Venuti entre acadêmicos e tradutores e tece algumas outras críticas ao trabalho dele quanto às questões acima apresentadas e a outras referentes à aplicabilidade de sua teoria. Contudo, ela reconhece *The translator’s invisibility: a history of translation* como leitura canônica dentro dos ET e sua utilização em programas de formação de tradutores ao redor do mundo.

Para Gentzler, o trabalho de Venuti é profícuo sob um ponto de vista político, no entanto, sob um ponto de vista teórico, as discussões levantadas ainda giram em torno do antigo debate entre tradução fiel ou livre. No mesmo sentido, Hatim e Munday argumentam que esse debate

⁸ No original: “But does visible translating necessarily produce an ethical translation? What happens, for example, if the indication of a translation’s status as translation is itself manipulative, as is the case with pseudo-translations? Can the indication of a text’s status as translation ever be secured? And if so, for how long can the reader’s awareness be sustained?”

⁹ No original: “According to Venuti, foreignization can only be achieved by contrast with, and differentiation from, the nature and register of other words in the text.”

é estéril e infrutífero por não encorajar um exame mais aprofundado das restrições contextuais que afetam as estratégias de tradução.

Snell-Hornby, a partir da relação da obra de Schleiermacher com a de Venuti, afirma que a teoria deste último não pode ser chamada de um novo paradigma. Ainda, a autora pondera que as reivindicações políticas de Venuti para a categoria dos tradutores são legítimas, contudo, esses problemas não podem ser solucionados a partir da tradução estrangeirizadora. Anthony Pym pontua que a dicotomia associada a Venuti não passa de mais uma dentre tantas oposições que têm surgido nos ET e que se configuram como escolhas possíveis para o tradutor. E Kadiu, por sua vez, critica a falta de explicações de Venuti acerca da aplicabilidade de sua teoria.

A fortuna crítica de Venuti revela que se, por um lado, os autores dessas obras reconhecem a relevância de sua obra no âmbito dos ET, por outro lado, não se furtam de tecer críticas ao seu trabalho.

Considerações Finais

Ao longo dos anos, Venuti alcançou o *status* de teorizador dos ET. Entendemos, no entanto, que sua escrita guarda estreita relação com o ativismo em prol da visibilidade do tradutor e de culturas periféricas. Talvez por conta de seu viés ativista, Venuti enfatiza o “Call to Action” (epílogo de *The translator’s invisibility: a history of translation*), quando convoca os tradutores a se unirem em torno da causa por ele defendida.

Nesse sentido, o autor argumenta que os ET carecem de referências direcionadas para o tradutor (e não para a tradução) dando a entender que, mesmo as obras voltadas para o processo e para o produto da atividade tradutória invisibilizam o tradutor enquanto profissional por não abordarem questões como direitos autorais, menção ao tradutor na capa do livro, relação com clientes e editoras, entre outras. Por essa razão, tanto *The translator’s invisibility: a history of translation*, quanto *The scandals of translation: towards an ethics of difference* são referências obrigatórias não apenas nos projetos de tradução comentada e análises empreendidas no âmbito da Literatura Comparada, mas também nos cursos de formação de tradutores.

Sobre a fortuna crítica de Venuti, os autores discutidos neste artigo apontam os pontos fortes e aqueles que abrem margem para questionamentos da teoria venutiana. É possível, todavia, que aquilo que é apontado como “ponto questionável” por tais autores não fosse pensado dessa maneira se toda a trajetória de desenvolvimento do pensamento de Venuti tivesse sido levada em consideração no momento da publicação de cada uma dessas obras. Isso porque Venuti realiza ponderações e rebate críticas em suas obras posteriores à publicação de *The*

translator's invisibility: a history of translation. Contudo, pelo fato de obras publicadas em determinado momento não terem como contemplar assuntos a serem explicados e justificados em obras que ainda serão publicadas no futuro – apenas de obras já publicadas – entendemos a percepção desses autores sobre Venuti como um retrato sincrônico da recepção desse autor no âmbito dos ET.

As principais críticas feitas a Venuti residem na relação de sua obra com a de Schleiermacher. É notável a relação entre a palestra do filósofo alemão e os conceitos de estrangeirização e domesticação desenvolvidos por Venuti em *The translator's invisibility: a history of translation*. É indiscutível também que Venuti, ao formular seus paradigmas, remodela as ideias de Schleiermacher a partir de um ponto de vista do séc. XX e sob uma ótica anglo-americana. Contudo, a relação entre as discussões conduzidas por Venuti e Schleiermacher em suas obras suscita, necessariamente, um debate acerca dos objetivos que cada um dos dois autores tinha em mente quando da formulação de seus paradigmas. Objetivos, por sinal, muito distintos.

Sendo assim, apontar as formulações de Venuti como algum tipo de apropriação equivocada ou distorcida dos postulados do filósofo alemão seria desconsiderar não apenas o dialogismo que se estabelece entre as instâncias produtoras de conhecimento, como também desconsiderar toda a recontextualização que Venuti faz da obra com o objetivo de fornecer fundamento para o seu *Translator's invisibility*.

Outro ponto que se faz necessário levantar é que o purismo com que se trata a palestra proferida por Schleiermacher guarda estreita relação com aquele com que se defende a “originalidade” dos textos de partida, fato que tem como consequência necessária a atribuição de um *status* marginal e secundário aos textos traduzidos. Ora, se o ato de recontextualizar no tempo e no espaço uma obra há tempos isolada e inacessível a um certo grupo de leitores é distorcê-la ou maculá-la, poderíamos afirmar, por conseguinte, que todas as traduções carregam a mesma letra escarlate.

Referências

ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BERNARDO, Ana Maria. Friedrich Schleiermacher's Legacy to Contemporary Translation Studies. In: SERUYA, Teresa; JUSTO, José Miranda (org.). **Rereading Schleiermacher: Translation, Cognition and Culture**. Londres/Macau: Springer, p. 41-54, 2016.

ECHEVERRI, Álvaro. About maps, versions and translations of Translation Studies: a look into the metaturn of translatology. **Perspectives**, v. 25, n. 4, p. 521-539, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0907676X.2017.1290665>>. Acesso em: 15 mar. 22.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, p. 62-69. 2009.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. **Translation: An Advanced Resource Book**. London e New York: Routledge, 2004.

KADIU, Silvia. **Reflexive Translation Studies: Translation as Critical Reflection**. London: UCL Press, 2019.

MARTINS, Márcia Amaral Peixoto. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para teoria da tradução. **Cadernos de Letras**, v. 27, p. 59-72, 2010. Disponível em: <<https://cutt.ly/ogdFxZM>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

PYM, Anthony. **Exploring Translation Theories**. Londres: Routledge, 2010.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Ética na tradução literária: tradutores literários, associações de TL e editoras. In: _____. **Travessias, encontros, diálogos nos estudos germanísticos no Brasil**. Eduff, 2021.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braidá. In: HEIDERMAN, Werner. **Clássicos da Teoria da Tradução**, 2. ed., rev. e amp., vol. 1. Florianópolis: UFSC, p. 38-101, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178909/Werner_Heidermann_%28Org.%29_Classicos_da_Teoria_da_Traducao_-_Alemao-Portugues.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SNELL-HORNBY, Mary. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? Tradução de Marcelo Victor de Souza Moreira. Revisão de Tinka Reichmann. **Pandaemonium Germanicum**, v. 15, n. 19. São Paulo, p. 185-212, jul. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1982-88372012000100010>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints?**. Amsterdam: J. Benjamins Pub, 2006.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrini, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference**. Londres: Routledge, 1998.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Londres: Routledge, 1. ed., 1995.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Londres: Routledge, 1. ed. rev., [1995] 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=xW5ADwAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Recebido em: 15/03/2022

Aceito para publicação em: 02/05/2022